

PERFIL DA RELIGIOSIDADE DO UNIVERSITÁRIO: Um Estudo de Caso da PUC-SP

Prof. Dr. Jorge Claudio Ribeiro¹

PUC-SP

PARTE 1 A MUNDIALIZAÇÃO, AS RELIGIÕES E OS JOVENS

INTRODUÇÃO

Pretendo aqui estudar as inter-relações entre a mundialização da cultura e as religiões, suas parcerias, conflitos e próximas etapas. Nesse contexto, analisarei de que forma esse processo impõe padrões, delimita espaços e oferece alternativas para a expressão da religiosidade do jovem contemporâneo. Penso concretamente no público universitário, sobre o qual, junto com alunos de iniciação científica e uma equipe do meu Departamento², fizemos a pesquisa de campo denominada “Perfil da religiosidade do jovem universitário – um estudo de caso na PUC-SP”, iniciada em 1996.

Para tanto foi adotada uma metodologia que incluiu procedimentos qualitativos (entrevistas abertas, identificação de palavras e temas-chave); quantitativos (pré-teste, tratamento estatístico e aplicação de questionário com 68 frases a 1.032 universitários); interpretativos (novas entrevistas com sujeitos “típicos” em cinco clusters, e análises temáticas).

Na primeira parte deste texto, serão colocadas em diálogo alguns conceitos das Ciências da Religião e Teologia com os das Ciências Sociais que fornecem o cenário de discussão para os dados levantados. A interpretação inicial desses dados será apresentada na segunda parte.

DESTERRITORIALIZAÇÃO

Com Renato Ortiz³, entendo que a modernidade conduz a um quadro de desterritorialização. A globalização material rompeu com uma ordem geopolítica e comercial baseada nos conceitos de Estado e Nação, desde a origem altamente ideológicos. Mais que unificadores, tais conceitos são mascaradores das várias formas de opressão de classes.

Tanto o mundo contemporâneo como o “tradicional” são universos atravessados pela dimensão simbólica. Nesse último, a identidade e o território locais (e mais tarde nacionais) eram lugares em que o indivíduo se inseria espacial, espiritual e profissionalmente num contexto sobretudo familiar e agrário. Segundo Ortega y Gasset, nesse período o indivíduo conhecia seu lugar, confinado que estava a territórios bem delimitados.⁴

Esse tempo foi velozmente sepultado. Nas nações centrais, a sociedade industrial rompeu as fronteiras territoriais e integrou à força os mercados nacionais e coloniais⁵. Com isso, a formação das

¹ Mestre em Educação, Doutor em Antropologia, professor do Departamento de Teologia e Ciências da Religião. Também é jornalista e editor da Editora Olho d'Água. E-mail: editora@olhodagua.com.br

² Até o momento participaram 18 iniciandos; os professores são Regina P. Lopes, Antônio Martini e Celina Cabrera Nasser

³ ORTIZ, R. *Um outro território*, São Paulo, Olho d'Água, 1996

⁴ ORTEGA y Gasset, “La rebellion de las massas” in *Revista de Occidente*, Madrid, 1956, p.51-2

⁵ ORTIZ, R. Op. cit. p.79

sociedades modernas exigiu que as relações sociais não mais se prendessem ao contexto local. A paulatina supremacia da modernidade impôs novo “ambiente espiritual”. A modernidade ganhou mundo e, sobre uma hegemonia sustentada pela homogeneização, instaurou a diversidade e privilegiou a individualização das relações sociais, a autonomia do indivíduo e a afirmação do específico. Segundo Toffler, enquanto a Segunda Onda industrial emitiu uma mensagem padronizadora, niveladora e “de massa”, aos poucos a Terceira Onda atual impôs a pluralidade e segmentação de ofertas; ante elas o indivíduo, e mais ainda a juventude contemporânea, sente-se livre para buscar o que lhe interessa.⁶

Nas sociedades tradicionais, as principais agências socializadoras eram a família, as religiões, a escola (nos países centrais), a política, a cultura e a comunicação sobretudo impressa. Atualmente a socialização é realizada pelo mercado global, pela tecnologia informática e pela indústria cultural. A televisão é o veículo por excelência de uma cultura para as massas. Nesse contexto são redimensionados, de fora para dentro e quase à sua revelia, os espaços urbanos, familiares, religiosos, educacionais e laborais. Daí resulta um padrão civilizatório mundializado marcado pela transição entre hegemonias e pela violenta convivência de padrões “arcaicos” com os contemporâneos.

Sendo cortadas suas antigas raízes, o jovem busca uma identidade que tenha referência às massas. Dispondo de forças poderosíssimas, a face cultural da modernidade acelera o “desencaixe” geral e engendra novos referenciais identitários. Isso é facilmente constatável com respeito à juventude, fase por si desenraizada que se apega “filialmente” a símbolos decantados e oferecidos pela globalização. Sendo que uma cultura só se torna efetiva ao concretizar-se no cotidiano, a forma privilegiada de inserção na modernidade ocorre mediante o consumo que, para além dos bens e serviços, se erige como ética e como conduta.⁷

RETERRITORIZAÇÃO

O mundo se esvaziou de paradigmas e de conteúdos mas é preenchido de novo, de acordo com as forças sociais atualmente hegemônicas. A desterritorialização se segue uma reterritorialização (não há “fim do território”)⁸. Constroem-se novas identidades a partir de novos referentes. Essa dinâmica coincide com a concepção de Lévi-Strauss, para quem a identidade não é uma substância palpável mas lugar virtual, construção simbólica em constante mutação⁹. O mundo se desterritorializa como Nação e se re-territorializa em outro nível: a cotidianidade, enquanto consumo, tecnologia, “cultura mundial” de consumo e cultura de massa.

Se, na fase anterior, a escola e o Estado foram atores privilegiados nesse processo, as novas agências mundiais favorecem a elaboração de identidades desterritorializadas a que a juventude é particularmente passível. No entanto, existe aí um jogo de poder, demarcado por uma hierarquia clara e impiedosa baseada na imposição de legitimidades.

A mídia, e dentro dela a filosofia e a linguagem publicitárias, se ocupa da educação das massas para o consumo e para a “cidadania mundializada”¹⁰. A publicidade tem um duplo objetivo: instrumental e espiritual. Torna-se necessária uma educação que “ajude” as massas a escolher produtos e a adquiri-los. Ao mesmo tempo, a complexidade da vida urbana transforma os jovens em consumidores atomizados e necessitados de um vínculo, o qual é fornecido por agências do consumo que consagram valores e orientam a conduta¹¹.

Tal orientação se torna tanto mais necessária quando se considera que palavras como “mercado” e “consumo” são plurais, polissêmicas. Bourdieu aponta como cada grupo e classe social consome objetos materiais e bens simbólicos segundo seu capital cultural: o universo cultural não é espelho uniforme, mas

⁶ TOFFLER, A. *The third wave*. Nova York, Bantam Books, 1980, p. 158

⁷ ORTIZ, R. Op. cit. p. 84

⁸ idem, pp. 49;60

⁹ idem., p. 73

¹⁰ RIBEIRO, Jorge C. *Sempre Alerta - condições contraditórias do trabalho jornalístico*, São Paulo, Brasiliense/ Olho d'Água, 1994, pp. 92-104

¹¹ ORTIZ, R. Op. cit. p. 106

palco de distinções e conflitos¹². Daí a tendência de segmentação, voltada para mercados mundializados, reterritorializados segundo seu modo de consumo.

RELIGIÕES E MUNDIALIZAÇÃO

A face “espiritual” da mundialização da cultura rebate de duas maneiras, pelo menos, sobre as religiões: como conflito e como incorporação.

Relegadas a um plano menor, enquanto agências socializadoras outrora hegemônicas e vendo seu poder reduzido sobre corações e mentes de seus adeptos, as grandes religiões constataam a corrosão numérica de seu rebanho – mundialmente civilizado pelo consumo, pela mídia e pela tecnologia – que passa a canalizar e explicitar sua religiosidade em formas equivocadamente qualificadas como “alternativas”. Essas tendem rapidamente a se tornar as religiões oficiais da modernidade-mundo.

A teóloga feminista católica Ivone Gebara reconhece o crescimento impressionante de expressões fundamentalistas, pentecostais ou carismáticas. Estádios imensos se enchem de fiéis em catarse, em louvor e falando em línguas: “Emocionam-se, choram, gritam. Curas, exorcismos especialmente sobre mulheres, solução de problemas econômicos e afetivos são o cotidiano dos programas de TV e dos centros de expansão dessas religiões”.¹³

Como entender a relação entre religiões e mundialização?

Historicamente, as religiões chegaram antes, e à sua maneira, à mundialização. Elas são uma parte significativa da memória coletiva mundial. E têm *know-how* para tanto: consolidaram locais, símbolos, história, hierarquias e metodologias de trabalho. Conseguiram articular, não sem tensões, a contradição “mundialização/ enraizamento”. Cada época histórica realizou uma síntese original e pendular dos dois pólos. Apesar de intenções universais, seu sectarismo as tornou fortemente territorializadas.

No nível religioso, como em outros âmbitos, a modernidade detona a diversidade. Interfere na religiosidade dos indivíduos, sobretudo o jovem, ao libertar a individualidade, na qual se enraíza sua consciência individual, lugar de decisões (inclusive de consumo). Criadora de homogeneidades, a modernidade tende a diluir as fronteiras entre as religiões e a implantar no campo simbólico um “ecumenismo de mercado e do consumo”. Caracterizado por um estilo emocional, espetacular e, por isso mesmo, infantilizante, esse ecumenismo resultaria numa neo-religião amorfa, sem nome e sem Deus, aquém das denominações religiosas, de suas diferenças, lutas e conquistas. As novas denominações surgiriam num nível mais superficial, tais como modelos diversificados de uma mesma fábrica. Por não perceberem essa diferença, muitos jovens se sentem, em sua busca religiosa (que é intensíssima), à vontade para trocar freqüentemente de “marca”, o que não necessariamente os satisfaz. Nem haveria mais ecumenismo verdadeiro, uma vez que este supõe o *diálogo na diferença* e não o conformismo do *vale-qualquer-coisa*.

A globalização aboliu a noção de “estrangeiro”, que serve tanto para os viajantes como para as religiões. Se não há mais Nação, não há mais o conceito de “religião nacional”, como esteio de identidade. No espírito do jovem cidadão do mundo contemporâneo cabe qualquer crença, desde que esta se adeqüe a uma religiosidade previamente formatada pelo mercado, mesmo que disso ele não se dê conta.

Entendo religiosidade como uma dimensão característica do ser humano –determinada histórica, cultural e singularmente – e que se articula com a busca de sentido para a totalidade da existência. A religiosidade uma possibilidade, uma necessidade e um horizonte desde as origens da humanidade. Formalizada como religião, mitos, arte e organização social, entre outros, a religiosidade apresenta formas diversas em cada sociedade e fase histórica. Atualmente, “ela sofre o impacto da modernidade avançada no que se refere, quer aos seus valores, quer às suas expressões religiosas”.¹⁴

Ocorre com as religiões o que aconteceu com o automóvel e com os produtos eletrônicos “mundiais”, cujos componentes são fabricados em diversos “países” e o conjunto é montado em qualquer país e levado para onde os consumidores estão. Resulta daí uma simbiose religiões/ sociedade+ cultura de massa ou mercado religioso/ tecnologia. Num primeiro momento, a religião imita a cultura de massa; no

¹² BOURDIEU, P. *La distinction*, Paris, Minuit, 1980

¹³ GEBARA, I. *Teologia ecofeminista*, São Paulo, Olho d'Água, 1997, p. 98

¹⁴ LIBÂNIO, J.B., in *Diálogo*, março/1997, no. 5, p. 11- 19

segundo momento atual, a modernidade invade a religião, rompe suas fronteiras e seu mercado cativo, usando sua especialidade: o gerenciamento, a tecnologia e a habilidade de conquistar corações e mentes. No nosso caso, dos consumidores.

O fenômeno recente dos padres cantores é sugestivo. Serão mais sacerdotes ou mais cantores? Quem usa quem: a religião usa a multinacional do disco ou esta é patroa daquela? A multinacional programa a “carreira” do sacerdote-cantor e produz clones dele em vários países.

Aliás, esse fenômeno foi impulsionado com o próprio papa assumindo o papel de *megastar* da propaganda da fé. Até que ponto é propaganda, até que ponto é “da fé”? Lembre-se que Wojtila usou a própria imagem à exaustão em suas viagens nas quais a estratégia era reunir multidões. Principal executivo da multinacional eclesial, o papa se localiza decisivamente do lado do pólo da mundialização *contra* o pólo do enraizamento. Tenta impor a romanidade como universalidade não hesitando em destruir as resistências locais, representadas por conferências episcopais, teologias (como a da libertação) ou ritos nacionais (como os africanos). Sua prática ecumênica levanta suspeitas no sentido de que, no fundo, seria uma tentativa de impor algum tipo de liderança sobre outras religiões.

ALTERNATIVAS

Restaria algum espaço para a religião enquanto valor de uso e não enquanto valor de troca, mercadoria? Como se fará a revanche?

Tem a palavra a Teologia, que aqui assume seu inteiro papel de reflexão crítica. Aponto algumas pistas, visto que a compreensão consolidada de possibilidades é o objetivo a ser sempre buscada.

Uma primeira possibilidade que vejo já é tradicional: a contestação. “Não vos conformeis ao espírito desse mundo” grita o apóstolo, do fundo dos tempos bíblicos. Atendendo ao chamado da encarnação, as religiões sempre se nutriram, transcendendo, dos pecados das sociedades e das épocas em que se enraizaram. Paralelamente, procuram manter distância e crescer frente ao solo sem dele se destacar. Contestando o mundo, contestam-se a si mesmas. Gebara, por exemplo, denuncia essa “religião do mercado e da mídia” como uma pseudo-religião, pois nem sempre desperta a compaixão, a justiça e a mutualidade: “É uma religião do imediato, que reduz os problemas e sofrimentos a procedimentos quase técnicos. É uma religião para um ‘mundo sem coração’”.¹⁵

Contra a espetacularização da vida (religiões aí incluídas) e o consumo guloso de sensações (inclusive espirituais), Gebara defende a maturação lenta de um sentido para a vida, com a compreensão de conteúdos, a formação do caráter e um referencial de valores. Suas críticas integram uma torrente de desconforto generalizado do pensamento teológico frente à mundialização; mas também revelam uma compreensão ainda insuficiente do desafio histórico que a modernidade representa para as religiões.

Junto com a etapa crítica, é preciso agir. Um primeiro passo para o novo enraizamento crítico das religiões na modernidade seria abandonar o proselitismo (que atualmente adota estratégias de conquista de jovens consumidores e mercados). Em seguida, assumir o compromisso com a localidade. O “local” é o que está realmente presente em nossas vidas, nos reconforta com sua proximidade e acolhe na familiaridade. A raiz é identidade, relaciona-se com seu terreno: o desenraizamento é uma perda, uma ameaça. O “local” é lugar da diversidade¹⁶, a qual é diferença e não variedade de ofertas.

Mas o local não é autônomo do nacional e do global. A mundialização da cultura se define como transversalidade¹⁷ ao atravessar territórios cada vez mais vastos. Que espaços novos, que possibilidades a modernidade abre para a religiosidade da juventude, a quem nos compete educar?

Primeiro, o espaço do desafio. A questão ética central é que a matriz mundial das agências socializadoras ancora-se na dinâmica da mercadoria. São incapazes, porque a isso não se propõem, de localizar e de abrir a “caixa preta” da pessoa humana. Esta não amadurece em estufa, tal como gado confinado, e sim na solidariedade e na entrega. A vantagem da religião é que ela tem experiência em se

¹⁵ GEBARA, Op. cit. p. 85

¹⁶ ORTIZ, R. Op. cit. pp. 54.58

¹⁷ idem, p. 56

misturar com os fatos e impasses do cotidiano, o que é particularmente valioso para alcançar indivíduos desterritorializados e intimidados.

Em segundo lugar, como aproveitamento das “brechas do sistema”. Se os mercados não se tornam hegemônicos sem conflitos, aí surge espaço para a reflexão crítica a partir da diversidade sufocada mas não sepultada.

Terceiro, como positividade. Essa é a reflexão mais difícil porque a situação é inteiramente nova. Decerto a mundialização tem o que oferecer às religiões. Uma possibilidade está na quebra das fronteiras e na disseminação do conhecimento e de alternativas culturais. Outra possibilidade é o avanço de uma compreensão científica da subjetividade, que pode levar à defesa da liberdade de consciência de cada um, num espírito de verdadeira tolerância. Outra ainda seria, a exemplo do movimento ecológico, a articulação mundial dos engajamentos locais.

Haveria outras alternativas mas aí tocamos no limite da pesquisa e do pesquisador. Avançar nesse terreno é minha proposta.

PARTE 2 O JOVEM E SUA EXPERIÊNCIA DO MISTÉRIO

RUPTURAS

É comum ouvirmos que a juventude perdeu as crenças, mergulhou no niilismo, no consumismo e no individualismo e abandonou as práticas religiosas. Pois nossa pesquisa aponta que, ao invés de descartada, a religiosidade do jovem é intensa, passando atualmente por transformações aceleradas.

Nossa reflexão tem, portanto, como *locus* a singular religiosidade da nova geração. Com Weber, Otto, Rahner e tantos outros, postulamos a religiosidade como um âmbito da existência humana, anterior a suas formulações histórico-sociais sob forma de religiões, e que manifesta a capacidade humana de transcender e de gerar significados para a existência. Do mistério não se fala mais do que entrever sua existência. No entanto, nossa experiência sobre ele se pode partilhar. Essa experiência é socialmente situada e historicamente enraizada (Javé, por exemplo, é o Deus de Abraão, e de Isaac, e de Jacó – sendo singular para cada um dos três...), numa síntese entre singular e universal.

A expressão “sagrado selvagem”¹⁸ proposta por Bastide, ajuda a entender o perfil da religiosidade do jovem. O autor se refere a um estágio primitivo de religião no qual a intervenção da emoção predomina sobre a razão; as religiões mais emocionais adaptam-se com maior facilidade às exigências do presente. A doutrina representaria um sagrado civilizado, sistematizado, dominado pela razão.

A partir dos dados totalizados de 1.032 questionários aplicados na PUC-SP no ano de 2000, percebemos que a religiosidade do jovem apresenta duas características marcantes: afastamento das tradições formais; ênfase na subjetividade. Há indícios disso na alta pontuação apresentada em algumas frases do questionário (de um total de 68): *A fé é mais importante que as crenças e religiões* (em 3º lugar, média de 6,44/ 8,0); *A verdade está acima das religiões* (em 9º lugar, média de 5,80). Assim, a experiência de algum tipo de religiosidade pessoal, dotada de forte conteúdo emocional e exigência de convicção, tem maior valor para o jovem do que o ensinamento transmitido.

Uma abordagem multidisciplinar forneceria dois parâmetros para entender essa posição. Primeiro, as rupturas profundas entre as gerações ocorridas no século XX; segundo parâmetro, a lição social da individualidade assimilada acriticamente pelo jovem.

A partir das análises de Hobsbawm¹⁹, vemos que as duas guerras mundiais no século passado, e sobretudo a segunda, aceleraram graves rupturas entre as gerações (já verificadas, por exemplo, nas revoluções industriais). Desde o início, salta aos olhos a ruptura física: no século passado, foram mortos em todos os conflitos armados (mundiais ou regionais) mais de 80 milhões de pessoas; foram arrasadas regiões, cidades e famílias em parte ou no todo. Também houve ruptura geográfica, na medida em que, com o fim

¹⁸ *Le sacré sauvage*. Paris: Payot, 1975

¹⁹ HOBBSAWM, E. *Era dos extremos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996

dos impérios coloniais, o mapa mundial se redesenhou e surgiram novas nações independentes. Em consequência disso, populações gigantescas se deslocaram de seus locais de origem em migrações do campo para as cidades; de regiões no mesmo país; de um país para outro. Ocorreu também a ruptura ocupacional, pois saberes consolidados ao longo de séculos foram tayloristicamente reduzidos à expressão mais simples em seus gestos e procedimentos. Além disso, da noite para o dia, surgiram centenas de novas ocupações.

Nesse cenário, agências socializadoras como nação, família, religião e escola perderam grande parte da sua influência, acumulada durante séculos em algumas sociedades. Tais agências perderam também uma relação viva com seus públicos específicos em que as vivências novas, subjetivas em cada geração, servem de húmus para os rituais e mensagens por elas emitidos. Sinal desse desencontro é o retorno arcaizante a uma linguagem antiquada, às vezes maquiada pela mídia eletrônica: ambas somam o estilo autoritário de lidar com suas mensagens.

Quebrados os elos tradicionais, a lição social do individualismo tornou-se hegemônica mediante forças e instituições contraditórias. Os dois condicionantes principais desse processo são o consumismo em particular e o capitalismo em geral. Neste, o consumo tem uma função quase geopolítica, pois, para se manter, precisa menos da produção do que da manutenção do nível de consumo. Se norte-americanos e japoneses param de consumir, as respectivas economias entram em colapso. A lei não é mais de oferta crescente, mas de estímulo à procura. A indução ao consumo é uma questão de segurança nacional.

Por sua natureza, e em grande parte, o consumo é individualizado. Minha roupa nova apenas eu a uso, minha comida predileta é só minha, o lugar que ocupo no trânsito apenas eu posso fazê-lo, minhas viagens (inclusive a cibernética) são particulares. Sobre essa condição baseia-se a tendência moderna da segmentação (esta é a palavra-chave!). Para que a segmentação dê certo, é necessária produção em escala e que determinado produto ou serviço conte com um mercado suficientemente grande para sustentar sua produção. Cada mercado é construído: primeiramente são identificadas necessidades ou tendências; estas são quantificadas e agregadas aos produtos a serem oferecidas; uma vez massificados, esses se impõem até para quem não precisaria deles, originalmente. Nessa fase de massificação, os produtos e serviços alcançam a sua plena dimensão cultural, sendo porta de entrada para um novo tipo de cidadania, a do consumo, não mais moldada pelas instituições socializadoras tradicionais.

As rupturas entre as novas e as antigas gerações trouxeram consequências profundas. Provocaram o descarte de antigas identidades, tradições e fidelidades, as quais foram rapidamente substituídas pelos novos processos culturais. Esse pano de fundo se articula com a globalização da economia, acompanhada de uma mundialização da cultura baseada sobretudo na massificação do consumo dos produtos de gigantescas corporações. A cidadania do consumo mundializado gera uma nova identidade hegemônica caracterizada pelo individualismo, pela quebra de “tradições tradicionais” e pela fundação de “tradições novas”.

DESAFIOS PEDAGÓGICOS

Para quem “não se conforma” e milita na frente de luta pedagógica, religiosa, humanista e política, esse quadro comporta evidentes desafios. O primeiro é entender o que se passa.

A singularidade é uma característica marcante na vivência contemporânea, sendo intensamente tematizada pela psicologia, pela teoria da cultura e pela economia. A experiência de cada nova geração é contraditória, pois, sem deixar de ser uma etapa (transitória, portanto), apresenta uma positividade intransferível, como se nada tivesse a ver com a fase anterior (objeto de memórias que se diluem) nem com a próxima (ainda não experimentada). A vivência singular da juventude contemporânea é intensa porque ela faz seus ensaios inaugurais de inserção no mundo social e da subjetividade; é única porque rompe (com maior ou menor intensidade) com a geração precedente. Da pouca “quantidade de experiência” de vida e escasso contraste de vivência generacional resulta um limitado repertório de palavras e gestos, cuja criação ainda está no laboratório. Daí a dificuldade de diálogo (aqui hesitante e desconfiado) com adultos e suas instituições e também com outros jovens (aqui intuitivo e cúmplice).

A positividade da juventude é marcada pela urgência de quem se dá conta dos ritmos impostos de fora e de um mundo que atrai, mas intimida. Ser jovem é perceber que é necessário sobreviver por conta própria e, para tanto, romper com locais, ascendências e tradições. E assim, inventar-se. A radicalidade dessa

condição está presente na frase: *Lutar pelo que acredito é um de meus rituais*. Mencionada em 1º lugar pelo conjunto dos sujeitos de nossa pesquisa (média de 6,79), essa frase chama a atenção pelo fato de reunir luta e crença num ambiente de significado sagrado. Não se trata de qualquer prática, proposta do exterior, mas “um de meus rituais”, insuflado por um paroxismo de energia, nascida da existência. Essa intensidade se confirma no outro extremo do questionário, em que a resposta menos apontada foi: *Para mim, a vida é sem sentido* (em 68º lugar, média de 1,89). Esse crédito inicial e incondicional é um dos dados mais expressivos e que deve ser levado em conta, com reverência, pelo educador atento.

O contato com o mistério é específico em cada fase da evolução de pessoas e de gerações. Essa condição é percebida na frase: *Minha espiritualidade faz parte do meu amadurecimento pessoal* (em 10º lugar, média de 5,62). O jovem está sozinho diante do desconhecido radical, sobre o qual só dispõe das palavras de outros (igrejas, tradições, escrituras) com quem busca romper ou pelas quais não se sente contemplado (neles é processo lento que pode demorar décadas). Daí a atitude flexível de quem sabe que é possível vivenciar o sagrado fora de ambientes especializados: *Exerço minha espiritualidade exclusivamente com o grupo da minha igreja* (em 67º lugar, média de 1,92); *Relaciono-me com Deus exclusivamente através da minha religião* (em 61º lugar, média de 2,44); *A religião é a única solução para este mundo* (em 60º lugar, média de 2,59). Essas frases chamam a atenção porque estão entre as que obtiveram menor pontuação, o que indica um sentido afirmativo.

Sua experiência de religiosidade se reveste da urgência de quem não tem tempo a perder e da singularidade de quem precisa se afirmar. Ele encontra no mundo adulto um ambiente polissêmico e contraditório que lhe oferece inúmeros repertórios prontos (profissionais, amorosos, espirituais, políticos, artísticos). Contudo, não lhe interessa apenas “aprender” tais repertórios, mas degustar em que medida o ajudam a sobreviver e a avançar.

Daí a imagem de Deus, no jovem, ser marcada pela experiência pós-moderna, pouco conceitual, intensa e muito concreta (“Deus é como”, “Deus é quando”, “Deus é parecido com quem”). Não é ainda o Deus da História da Salvação, da entrega amadurecida na luta de comunidades mais amplas que a família, mas o Deus de realidades puras, dos relacionamentos inaugurais, da beleza intocada: *Existe uma energia que envolve toda a nossa vida* (em 2º lugar, média de 6,51); *Vejo Deus na natureza* (em 4º lugar, média de 6,30); *Amor é uma forma de fé* (em 6º lugar, média de 5,97); *A música me conduz a uma dimensão superior* (em 8º lugar, média de 5,88). O jovem tem com essa “dimensão superior” – rubrica que pode agregar os termos “energia”, “natureza”, “amor”, “música” – uma relação oposta ao temor, traduzindo uma atitude de confiança a qual sinônimo de fé. É o que transparece nas seguintes frases, situadas no limite inferior da pontuação: *Tenho medo de Deus* (em 66º lugar, média de 2,01); *Sou ateu* (em 63º lugar, média de 2,31). Ao mesmo tempo, e confirmando uma tendência idealista decorrente do pouco amadurecimento existencial, poucos sujeitos afirmam que *A experiência espiritual interfere em minhas escolhas profissionais* (em 58º lugar, média de 2,94).

Quanto ao adulto, supõe-se que seu repertório seja mais complexo. Embora emocionalmente menos intensa porque perdeu boa parte do sentido da novidade, sua experiência lhe confere uma sabedoria capaz de relativizar, traduzir em palavras e gestos e apontar caminhos para as vivências dos outros. Num quadro conflituado, cabe ao educador apontar as armadilhas da modernidade, desfigurar o imediatismo em nome das possibilidades mais radicais de crescimento. Ao longo de todo esse processo, apresenta-se para o adulto a inaudita oportunidade de envolver-se com os jovens, dar-lhes a mão para acompanhá-los na passagem, sofrida mas maravilhosa, em busca de dimensões mais amplas da existência. Não fazer a passagem por eles, nem a deles. Essa saída de si, ninguém a faz sozinho: *Às vezes converso em profundidade com outra pessoa e isso me traz energia* (em 5º lugar, média de 6,11); *Sinto muita alegria em reuniões em que todos estão alerta para a realidade* (em 7º lugar, média de 5,92). Energia, alegria, descoberta do outro são tão necessários que se revestem de um significado sagrado.

Ao se espelhar ante essas características, conscientemente o educador se torna um dos companheiros de jornada dos jovens. E assim, faz uma passagem singular, própria da sua condição atual e da missão que lhe coube.